



ESPORTES

20 • Esportes • Brasília, quarta-feira, 1º de julho de 2026 • Correio Braziliense



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Que o Brasil seja Brasil

Aquele jogo do Brasil contra o Japão ainda está rodando em minha cabeça. Eu acho que é uma partida que mexeu com a alma brasileira. Teve todos os ingredientes dramáticos para atizar a paixão pelo Brasil. Os japoneses provocaram, talvez sem querer, mas provocaram. Armaram uma estratégia de uma só jogada: o erro do Brasil. O nosso lateral Danilo concedeu o erro aos japoneses, eles fizeram o gol e se assustaram tanto com a possibilidade de vitória que recuaram.

Mas o Brasil sempre joga melhor quando provocado ou descreditado. Talvez precise ser atizado para despertar a própria força. O nosso time tomou o gol como uma ofensa e partiu para cima, para o tudo ou nada, no segundo tempo, sem medo de vencer. E venceu na raça, mesmo desorganizado. E houve o momento espetacular da jogada de Vini Jr., em que driblou três japoneses e a bola bateu na trave, no que seria o gol mais bonito da Copa.

Eu ouvi alguns comentaristas dizendo que Ancelotti surfou na maionese ao substituir Paquetá por Endrick, e Matheus Cunha por Martineli. Pois, confesso que também tive a mesma impressão durante o jogo. No entanto, parece que as duas decisões não foram tão aleatórias assim.

Endrick entrou porque o time brasileiro estava sem movimentação, os defensores e o meio de campo se aproximavam da área do Japão, em meio a uma selva de botinadas, os nossos atacantes estavam estáticos, não ofereciam opção para o passe. Com o balanço de Endrick, surgiram alguns espaços e chances de infiltração. E, de fato, apesar de meio bagunçado, o jogo do Brasil fluiu mais e a pressão aumentou para o Japão.

E, quanto à substituição de Matheus Cunha por Martineli, o atacante revelou, em entrevista, que, embora nunca tenha jogado no meio, está treinando nesta posição a pedido de Ancelotti. Embora talvez tenha havido uma certa lógica na cabeça do treinador, isso não significa que daria, necessariamente, certo.

Apesar da pressão, o Brasil jogou meio bagunçado, mas o talento pesa no momento da decisão. E isso fez a diferença contra o Japão. Se Bruno Guimarães não acerta o passe perfeito para Martineli, e o atacante não desfere uma tacada de bilhar no canto do goleiro japonês, a história do jogo e da classificação do Brasil para as oitavas de final poderia ser completamente outra. Os times e as seleções estão muito equilibrados. De modo que a maioria das partidas é decidida em detalhes ou em jogadas desequilibrantes dos esquemas táticos.

Acho que a gente tem de viver e comemorar cada jogo de uma vez. Mas se olharmos para frente, veremos que o Brasil precisaria melhorar muito para ambicionar ganhar a taça. A França e a Argentina estão à frente do

Brasil em organização, qualidade do meio de campo, fluência do jogo e número de craques. Eu vejo a França jogando e tenho a impressão de ser o Brasil de outros tempos.

Com exceção dos times de 1970, do Zagallo; e de 1994, do Parreira, o Brasil não ganhou cinco Copas do Mundo porque era muito organizado. Ganhou porque tinha cinco ou seis craques que decidiram os jogos nos momentos mais dramáticos. A Copa de 1962 foi a de Garrincha; a de 1970, a de Pelé, Gérson, Tostão, Jairzinho e Rivellino; a de 1994, a de Romário e Bebeto; a de 2002, a de Rivaldo e dos Ronaldinhos. Se a gente tivesse uns cinco Vini Jr., o Hexa estaria mais perto. Vamos em frente. E que a Seleção, ao menos, nos conceda alguns instantes de Brasil, como ocorreu contra o Japão. É muito bom quando o Brasil é Brasil.

16 AVOS  X 

Estados Unidos e Bósnia e Herzegovina medem forças em São Francisco. Os donos da casa contam com o craque Christian Pulisic. Os europeus têm Dzeko, um dos veteranos da Copa de 2014, no Brasil

Bósnios desafiam anfitriões

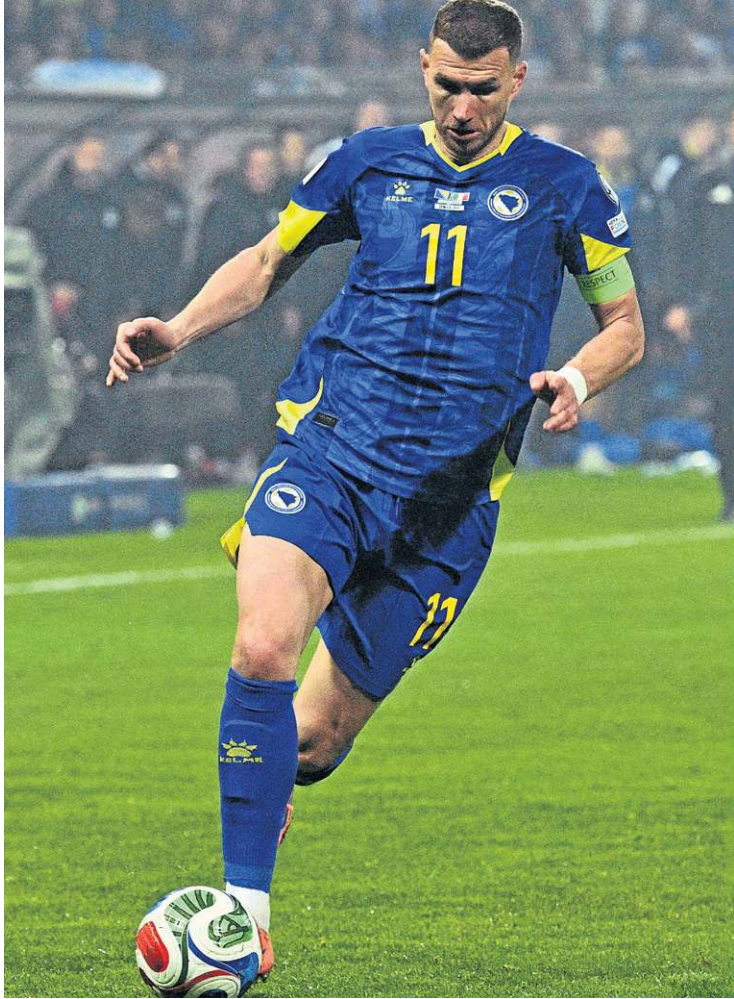
MEL KAROLINE*

A primeira fase de mata-mata da Copa do Mundo de 2026 tem revelado classificações inesperadas. Até aqui, favoritos como as gigantes Holanda e Alemanha foram contra as estatísticas e ficaram pelo caminho. Hoje, às 21h, é a vez dos Estados Unidos entrarem em campo contra a Bósnia e Herzegovina, no Levi's Stadium, em San Francisco. Os anfitriões ainda buscam se consolidar entre as grandes seleções de futebol global. Neste ano, a expectativa é superar o feito da campanha inaugural de 1930, quando finalizaram o torneio na terceira posição.

Para a Bósnia, chegar ao mata-mata da Copa do Mundo tem um peso diferente nesta que é a segunda participação dos europeus em mundiais. A primeira foi em 2014, na Copa do Mundo do Brasil, quando os bósnios não passaram da fase de grupos. Os norte-americanos já cruzaram o caminho dos Dragões dos Balcãs três vezes, todas em amistosos internacionais. Em nenhuma delas, os europeus lograram êxito: Estados Unidos 4 x 3, em 2013; 0 x 0, em 2018; e 1 x 0, em 2021. Chegar à fase dos 16 avos de final, agora, tornou-se histórico para o país.

Os Estados Unidos, no entanto, vão para a 12ª participação da competição. Em 1930, quando disputaram a taça pela primeira vez, fizeram a melhor campanha da história. Quase 100 anos atrás, no Uruguai, os EUA terminaram a fase de grupos invictos, mas caíram

Fotos: AFP



Duelo de gerações: o veterano Edin Dzeko (E), 40 anos, é a referência da Bósnia, enquanto Christian Pulisic, 27, comanda a seleção dos EUA

para a Argentina nas semifinais, com uma goleada por 6 x 1. Desde então, o mais longe que chegaram foi em 2002, eliminados pela Alemanha nas quartas de final. Não conseguiram se classificar para a Copa de 2018 e, em 2022, não passaram das oitavas.

Pulisic e Dzeko

Será uma dura disputa entre duas seleções que sonham em ir longe. Como um dos países-sede, o Estados Unidos contam com o apoio da torcida e a boa fase do



astro Christian Pulisic. Aos 27 anos, o meia-atacante é uma figura central dessa geração americana que tem empolgado o país-sede. Depois de uma fase de grupos prejudicado por uma lesão na panturrilha, sofrida na estreia da equipe no torneio, o jogador do

Milan (Itália) busca deixar sua marca no mata-mata, diante de seus conterrâneos.

De ascendência croata por parte do avô materno, Pulisic nasceu em Hershey, na Pensilvânia, e chegou a obter a cidadania croata para estreiar na Bundesliga pelo

Borussia Dortmund, em 2016, aos 17 anos, evitando assim ser classificado como jogador de fora da União Europeia.

A Bósnia, por sua vez, carrega a força do atacante Dzeko e o defensor Sead Kolašinac, únicos remanescentes do time que veio ao Brasil, 12 anos atrás. É uma equipe que cresceu assistindo àquele time conquistar um espaço de destaque nas prateleiras do futebol europeu e que, hoje, serve de inspiração.

O capitão da equipe dos EUA, Tim Ream, espera uma Bósnia “forte e física”, que “não está aqui por acaso”. “Precisaremos movimentar a bola rapidamente e tentar desestabilizar a defesa deles”, disse o defensor, na concentração da seleção em Irvine, perto de Los Angeles.

“Independentemente da situação, seja na fase de grupos, seja no mata-mata, sempre colocamos muita pressão sobre nós mesmos. Isso não muda. Se continuarmos fazendo o que fizemos, estaremos na melhor posição possível para nos classificarmos”, acrescentou ele, sabendo que sua equipe tem causado uma boa impressão com seu estilo de jogo ofensivo e bem organizado.

Os americanos enfrentarão um rosto conhecido: o ponta Esmir Bajraktarevic, de 21 anos, jogador do PSV Eindhoven, da Holanda. Nascido em Wisconsin, ele passou pelas categorias de base da seleção dos EUA e chegou a atuar pela equipe principal em 2024, antes de decidir representar a nação balcânica. **(Com agências)**

 X 

Sem favorito, Bélgica enfrenta Senegal

RAFAEL LINS*

Em uma Copa marcada pelas zebras, a Bélgica busca confirmar o favoritismo diante de Senegal pelos 16 avos. Após primeira fase de altos e baixos, os Red Devils conseguiram a vaga no mata-mata apenas na última rodada, quando golearam a Nova Zelândia. Dada como “bicho-papão” do Grupo G, a equipe treinada por Rudi García acumulou dois empates frustrantes nas primeiras rodadas do torneio, contra Egito e Irã. Porém, a vitória no jogo decisivo, honrou aos belgas a liderança da chave.

Depois de apresentar uma das melhores gerações da equipe no Mundial de 2018, a Bélgica tenta voltar aos trilhos após péssima campanha em 2022, no Catar. A expectativa de um elenco jovem e promissor, deu lugar novamente a medalhões consolidados, mas que demoraram a demonstrar serviço

KENZO TRIBOUILLARD/AFP



Sadio Mané é o maior destaque de Senegal no embate com a Bélgica

nesta edição do torneio. Lukaku, De Bruyne e Trossard não tiveram vida fácil até o momento, mas ainda assim, possuem a confiança do técnico: “Eu não gostei que

os chamassem de ‘velhos’, e eles responderam”, disse Rudi García, após críticas da torcida aos experientes jogadores.

Do outro lado do campo, a forte

seleção senegalesa também não viveu bons momentos na primeira fase. Derrotas para França e Noruega no começo quase tiraram os Leões de Teranga do mata-mata, mas a goleada sobre o Iraque no jogo decisivo coroou os africanos como um dos oito melhores terceiros colocados.

Potência no continente africano, Senegal, agora, busca o reconhecimento no âmbito internacional. Com uma seleção jovem e a presença de atletas atuantes no mais alto escalão europeu, os Leões de Teranga apostam na experiência de Sadio Mané e na estrela de Ismaila Sarr, destaque da equipe na primeira fase e elogiado pelo treinador Pape Thiaw: “Ele faz coisas extraordinárias, joga para o coletivo, tem impacto, é o líder técnico desta equipe e também nos ajuda defensivamente”.

*** Estagiários sob a supervisão de Vinicius Doria**

 X 

Ingleses sob forte pressão

Desde que Thomas Tuchel anunciou sua polêmica lista de convocados, a defesa é o setor que mais gera preocupações na Inglaterra e que precisa ser corrigido agora que a Copa do Mundo entra em sua fase decisiva. Hoje, em Atlanta, a seleção inglesa parte como favorita na fase de 16-avos de final contra a República Democrática do Congo. No ataque, Harry Kane e Jude Bellingham estão cumprindo seu papel.

Tuchel foi o técnico escolhido para que a Inglaterra, vice-campeã nas duas últimas edições da Eurocopa, concluísse o retorno ao topo depois de 60 anos sem conquistar um grande título. Mas a decisão de deixar em casa talentos como Cole Palmer, Phil Foden e Morgan Gibbs-White gerou um intenso debate no país, que se acirrou no Mundial.

“É a fase decisiva de verdade. Um jogo de cada vez. Temos jogadores que já venceram a Liga dos Campeões e outros que disputaram torneios de base pela Inglaterra. Todos sabem lidar com esse tipo de pressão, é justamente aí que vamos mostrar nossa força”, disse o goleiro inglês Jordan Pickford.

Para os congoleses, participar pela primeira vez de um mata-mata da Copa já é uma enorme conquista. Mas, por que não sonhar mais alto? “O próximo desafio contra a Inglaterra será um jogo completamente diferente, muito difícil, contra grandes jogadores e uma grande seleção. Precisamos aproveitar uma partida como essa. Merecemos enfrentar a Inglaterra, uma das melhores equipes do mundo, e estou ansioso pelo que vem pela frente”, disse o atacante da RD Congo Yoane Wissa. **(RL*)**